

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: SOFRIMENTO, TRAUMA, VÍNCULOS E POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO

VIOLENCIA INTRAFAMILIAR: SUFRIMIENTO, TRAUMA, VÍNCULOS Y POSIBILIDADES DE TRANSFORMACIÓN

INTRAFAMILIAL VIOLENCE: SUFFERING, TRAUMA, RELATIONSHIPS, AND POSSIBILITIES FOR TRANSFORMATION



Kamila Moreira de Oliveira de LIMA¹
e-mail: kamilamdeoliveira@gmail.com



Déborah Ramos CRIVELLARI²
e-mail: deborahcrivellari@editoraiberoamericana.com



José Anderson SANTOS CRUZ³
e-mail: andersoncruz@editoraiberoamericana.com

Como referenciar este artigo:

Lima, K. M. O., Crivellari, D. R., & Santos Cruz, J. A. (2026). Violência intrafamiliar: sofrimento, trauma, vínculos e possibilidades de transformação. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 27(esp1), e026026. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21500>



Publicado em: 10/09/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – Santa Catarina (SC) – Brasil. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como tradutora e revisora e realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), com apoio da CAPES.

² Editora Ibero-Americana, Bauru – São Paulo (SP) – Brasil. Bacharel em Letras-tradução pela Universidade Sagrado Coração (Unisagrado).

³ Editora Ibero-Americana, Bauru – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr). Professor, Editor e Assessoria Editorial para periódicos. Pesquisador no contexto de Gestão e Políticas Editoriais, Indexações de periódicos, Acesso Aberto, Ciência Aberta, Processos Editoriais, Gestão do Conhecimento e Gestão Editorial.

APRESENTAÇÃO

A violência intrafamiliar é um fenômeno complexo, cuja compreensão ultrapassa os limites do espaço doméstico. Embora se manifeste em relações próximas e frequentemente ocorra no interior da família, suas formas de produção, manutenção e enfrentamento estão relacionadas a processos sociais mais amplos.

A família ocupa lugar central na constituição subjetiva e no desenvolvimento humano, pois é nela que se estabelecem vínculos, formas de pertencimento, práticas de cuidado e referências fundamentais para a construção das identidades. Entretanto, o mesmo espaço que pode oferecer proteção e segurança também pode abrigar relações marcadas por controle, negligência, silenciamento e violência. Essa tensão impede que a violência intrafamiliar seja interpretada a partir de explicações lineares ou exclusivamente individualizantes.

É nesse campo de problemas que se insere este dossiê, que parte da compreensão da família como uma microssociedade cujas relações mantêm vínculos com a macrosociedade, buscando reunir contribuições capazes de produzir conhecimento e subsidiar intervenções junto às famílias. Os treze trabalhos reunidos nesta edição percorrem diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e profissionais sobre a violência, contemplando suas manifestações ao longo do ciclo vital, seus efeitos nas relações e na constituição subjetiva, os processos de transmissão intergeracional e as possibilidades de prevenção, cuidado e transformação.

O conjunto evidencia, inicialmente, a necessidade de pensar as relações entre a violência que ocorre no interior das famílias e as condições sociais nas quais essas famílias existem. Em “A violência social e a violência intrafamiliar sob a perspectiva sistêmica: uma revisão integrativa”, Luciana Ferreira questiona uma interpretação segundo a qual a violência social produziria, de maneira simplesmente linear, a violência familiar. A revisão realizada aponta para uma relação de circularidade e retroalimentação entre os níveis social e intrafamiliar e situa a violência no interior de redes mais amplas de desigualdade. Sob essa perspectiva, o privado e o público não constituem universos independentes: as relações familiares são atravessadas pela sociedade e, simultaneamente, participam da reprodução ou da transformação de seus padrões relacionais.

Essa compreensão relacional também permite reconhecer que determinadas experiências de violência ultrapassam o momento em que ocorreram. Em “A ressonância da violência sexual infantil intrafamiliar na vida adulta: uma revisão integrativa”, Luciana Ferreira e Ida Kublikowski analisam a produção contemporânea sobre mulheres adultas que sofreram

violência sexual intrafamiliar durante a infância. A revisão identifica dinâmicas familiares organizadas em torno de assimetrias de poder e segredos, além de respostas familiares e institucionais atravessadas por omissão, invalidação e revitimização. As autoras evidenciam, assim, que a violência vivida na infância pode permanecer presente nos processos identitários e relacionais ao longo da vida adulta.

Essa dimensão longitudinal da violência encontra um contraponto internacional em “Trajetórias de mulheres com histórico de abuso sexual em Moçambique: uma análise netnográfica”, de Daniel Solomone Neves Muaiela e Alex Sandro Gomes Pessoa. A partir de narrativas audiovisuais de mulheres moçambicanas que sofreram abuso sexual na infância e na adolescência, o estudo evidencia trajetórias marcadas pela revitimização e pela continuidade da violência ao longo da vida. O artigo amplia, desse modo, o alcance do dossiê ao demonstrar que as articulações entre violência sexual, gênero, pobreza e relações de cuidado precisam também ser compreendidas em seus contextos sociais e culturais específicos.

Já no artigo “A violência contra crianças e a importância da atuação do psicólogo no judiciário”, Hugo Ferrari Cardoso, Nelson Iguimar Valério, Marianne Ramos Feijó, Taciano Luiz Coimbra Domingues, Alex William Paccola e Alda Kassinda Katende Kanguenga analisam a participação da Psicologia em procedimentos que envolvem crianças vítimas de violência. A Escuta Qualificada e o Depoimento Especial aparecem como práticas que exigem formação, conhecimento da legislação, experiência profissional e articulação entre Judiciário, saúde e serviços de proteção. O texto destaca que uma intervenção destinada a proteger não pode tornar-se nova fonte de sofrimento ou revitimização.

Essa discussão institucional é complementada por “Ações preventivas na legislação brasileira: uma análise dos níveis de prevenção à violência contra crianças e adolescentes no âmbito familiar”, de Paula Orchiucci Miura e Flavia Tiemi Nonaka. Por meio de pesquisa documental, as autoras examinam legislações brasileiras relativas à prevenção da violência infantojuvenil no contexto familiar e identificam ações nos três níveis de prevenção. Predominam medidas de prevenção primária, especialmente de caráter educativo, mas também são encontradas ações de identificação precoce de situações de risco e estratégias voltadas ao acompanhamento e à reintegração familiar. Embora a legislação ofereça mecanismos para ações articuladas, o estudo evidencia que sua existência formal não garante efetividade, destacando a necessidade de fortalecimento das redes de proteção e de capacitação dos profissionais responsáveis por sua implementação.

Ao lado dessas discussões, o dossiê chama atenção para grupos cujas experiências de violência permanecem insuficientemente investigadas. “Violência doméstica em famílias de pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão de escopo”, de Caio Fernando Souza Nicolau, mapeia estudos sobre violência doméstica em famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. A revisão identificou apenas seis estudos internacionais compatíveis com os critérios estabelecidos e nenhuma produção brasileira correspondente. Essa lacuna evidencia a necessidade de incorporar deficiência e neurodesenvolvimento às pesquisas sobre violência familiar, sobretudo quando vulnerabilidade, dependência, cuidado e desenvolvimento se sobrepõem.

As relações entre gênero, violência e modelos de masculinidade constituem outro eixo importante da edição. Em “Violência de gênero e masculinidade hegemônica”, Sonia Ligia Angelico examina permanências da masculinidade tradicional entre homens das gerações X e Y. A análise permite compreender a violência de gênero em relação com modelos culturais que hierarquizam posições masculinas e femininas, ao mesmo tempo em que evidencia conflitos experimentados pelos próprios homens quando esses referenciais entram em tensão com novas formas de organização da vida social.

A transmissão dessas referências entre gerações é aprofundada por Daniela Pupo Barbosa Bianchi e Ida Kublikowski em “Da reprodução à reflexão: masculinidades e heranças familiares adversas”. A partir de entrevistas e genogramas, o estudo analisa homens adultos cisgênero que vivenciaram experiências adversas na infância. Os resultados mostram movimentos de diferenciação e reconstrução relacionados, entre outros processos, à terapia e à experiência da paternidade. A transmissão transgeracional é compreendida, portanto, como processo relacional que pode envolver repetição, mas também questionamento e ruptura.

Essa discussão sobre masculinidades encontra outro desdobramento quando normas de gênero e heterossexualidade incidem sobre a experiência de jovens gays. Em “Medo, silêncio e resistência: experiências de jovens gays no processo de revelação social da homossexualidade”, Edson Luiz Defendi e Rosane Mantilla de Souza analisam o processo de revelação social da orientação sexual entre jovens de 18 a 24 anos. O medo e o silenciamento atravessam suas experiências em diferentes espaços, sendo a família de origem identificada como contexto particularmente sensível diante da possibilidade de rejeição e violência.

Se jovens LGBTQIA+ enfrentam dificuldades específicas no interior das relações familiares, outras formas de invisibilidade tornam-se presentes no envelhecimento. Marcelo Foroni Fender, em “Entre silêncios e violências: revisão da literatura sobre violência conjugal

no envelhecimento de pessoas idosas LGBTQIA+”, analisa uma produção científica ainda fragmentada sobre violência conjugal envolvendo pessoas idosas LGBTQIA+. O estudo situa o problema na interseção entre violência por parceiro íntimo em populações LGBTQ+, envelhecimento LGBTQIA+ e violência contra pessoas idosas pertencentes a minorias sexuais e de gênero. O artigo evidencia que sexualidade e relações íntimas não desaparecem na velhice e que seu apagamento pode contribuir para a invisibilização da violência.

A passagem da compreensão do fenômeno para suas possibilidades de prevenção e intervenção ocupa lugar igualmente importante no conjunto. Em “Práticas narrativas e *mindfulness* com casais: enfrentamento de vulnerabilidades e prevenção de violência por parceiro íntimo”, Natália Leal Vio, Marianne Ramos Feijó, Carolina Busato Heiderich Okamoto, Simone Pantaleão Macedo e Mário Lázaro Camargo discutem práticas narrativas e *mindfulness* como possíveis recursos para intervenções voltadas à comunicação, à autorregulação emocional e à prevenção da escalada de conflitos. Os autores ressaltam, entretanto, que essas estratégias precisam ser utilizadas a partir da avaliação dos riscos e das características de cada contexto relacional. A perspectiva relacional, portanto, não substitui as medidas de proteção e responsabilização necessárias diante da violência por parceiro íntimo.

Em “Entre o trauma e o cuidado: práticas educativas, correção e transformação relacional de famílias em contextos de vulnerabilidade social”, João Laurentino dos Santos propõe uma releitura das práticas parentais a partir da teoria do trauma do desenvolvimento. O estudo retoma um acervo empírico longitudinal construído com famílias em situação de vulnerabilidade social e desloca a interpretação de práticas parentais violentas ou inconsistentes como simples falhas individuais ou déficits educativos. Em seu lugar, propõe compreendê-las em relação com sofrimento relacional, desregulação emocional e transmissão intergeracional do trauma. Os Grupos Reflexivos aparecem, nesse contexto, como dispositivos capazes de favorecer correção, reflexividade e reautoria parental.

O cuidado, entretanto, também produz efeitos sobre aqueles que o oferecem. É essa dimensão que Vivianne Moraes, Regina Mainardi e Cláudia Bruscagin abordam em “Cuidando do ‘cuida-dor’: a coterapia como recurso facilitador da autocompaixão e do autocuidado de terapeutas que atendem vítimas de violência transgeracional – um relato de experiência a partir do estudo das ressonâncias”. O atendimento de pessoas cujas histórias são marcadas por violência e trauma pode mobilizar intensamente os profissionais e produzir sentimentos de impotência, culpa, autocrítica e sofrimento psíquico. A experiência relatada pelas autoras

apresenta a coterapia como recurso de sustentação entre profissionais e a autocompaixão como elemento do autocuidado, sobretudo diante do risco de fadiga por compaixão.

Tomados em conjunto, os treze trabalhos mostram que a violência intrafamiliar não pertence a uma única etapa da vida nem se restringe a uma configuração específica de família. Ela pode atingir crianças, adolescentes, adultos e pessoas idosas; aparecer nas relações conjugais, parentais e intergeracionais; articular-se às desigualdades de gênero, à orientação sexual, às masculinidades, à deficiência e às condições socioeconômicas; e produzir repercussões que ultrapassam o espaço doméstico e o momento em que o ato violento ocorre.

A diversidade dos estudos também evidencia que o enfrentamento não pode limitar-se à resposta posterior à violência. Os trabalhos dedicados à legislação preventiva, às práticas parentais, às intervenções com casais, ao sistema de justiça e às redes de cuidado mostra a importância de deslocar parte da atenção para as condições que permitem reconhecer riscos, evitar novas ocorrências e interromper trajetórias de revitimização. Prevenir a violência implica ações educativas e políticas públicas, mas também estruturas institucionais capazes de converter direitos formalmente reconhecidos em proteção efetiva.

Ao mesmo tempo, a leitura dos artigos impede que a transmissão da violência seja confundida com determinação. A noção de transgeracionalidade, presente em diferentes contribuições, não significa afirmar que sujeitos expostos à violência estejam destinados a reproduzi-la. As experiências familiares são referências importantes, mas podem ser interrogadas, reelaboradas e transformadas, com diferentes possibilidades de interrupção de padrões de sofrimento.

No que toca à resiliência, nos trabalhos aqui reunidos, ela pode ser compreendida menos como capacidade individual de suportar adversidades e mais como processo constituído nas relações e nas condições concretas oferecidas aos sujeitos. Resistir à violência, reconstruir uma identidade, rever uma referência masculina herdada, estabelecer novas práticas parentais, encontrar proteção institucional ou sustentar profissionalmente o cuidado são movimentos que dependem de recursos sociais e relacionais. A resiliência, desse modo, não pode servir para transferir às pessoas vitimizadas a responsabilidade pela superação das violências que sofreram.

Outro aspecto que atravessa esta edição é a existência de importantes lacunas de conhecimento. A reduzida produção sobre violência em famílias de pessoas com TEA, a escassez de estudos voltados à violência conjugal no envelhecimento LGBTQIA+, as perguntas ainda existentes acerca das repercussões da violência sexual infantil na vida adulta e a necessidade de avaliar empiricamente diferentes estratégias de intervenção demonstram que há

muito a investigar. Ao mesmo tempo, a presença de uma investigação situada em Moçambique amplia o horizonte geográfico do debate e recorda que a compreensão da violência precisa considerar as particularidades históricas, econômicas e culturais de diferentes sociedades.

A amplitude dos objetos abordados não fragmenta o dossiê. Ao contrário, evidencia a necessidade de pensar a violência intrafamiliar em diferentes escalas. Corpo, subjetividade, família, instituições, legislação e sociedade estão implicados, em graus distintos, nas experiências aqui discutidas. A violência pode surgir no âmbito privado, mas as condições de sua manutenção e as possibilidades de enfrentá-la não se encerram nele.

Ao publicar este conjunto de estudos, a *Doxa* contribui para ampliar a discussão sobre um fenômeno que não pode permanecer circunscrito à esfera doméstica. Reconhecer a violência intrafamiliar como problema social implica produzir conhecimento, aperfeiçoar políticas públicas, fortalecer redes de proteção, qualificar profissionais e criar condições para que o silêncio não seja a única possibilidade disponível a quem vivencia relações violentas.

Os artigos desta edição especial não oferecem uma resposta única para um fenômeno que, por definição, exige múltiplas perspectivas. Em comum, porém, apontam para a necessidade de abandonar reducionismos. Compreender as histórias familiares não significa justificar a violência; compreender a complexidade de quem a pratica não elimina sua responsabilização; reconhecer vulnerabilidades não significa naturalizá-las; e identificar padrões transmitidos entre gerações não equivale a considerá-los inevitáveis.

Entre o sofrimento e o cuidado, o silêncio e a possibilidade de fala, a repetição e a transformação, esta edição convida a pensar a família não somente como espaço no qual a violência pode ocorrer, mas também como um dos lugares em que seus ciclos podem ser reconhecidos e interrompidos. Esse movimento, contudo, não depende apenas das famílias. Exige ciência, políticas públicas, legislação, redes institucionais e profissionais preparados para acolher a complexidade do fenômeno sem perder de vista aquilo que deve permanecer no centro de qualquer intervenção: a proteção das pessoas e a construção de relações nas quais o cuidado possa prevalecer sobre a violência.

REFERÊNCIAS

- Angelico, S. L. (2026). Violência de gênero e masculinidade hegemônica. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026020. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21492>
- Bianchi, D. P. B., & Kublikowski, I. (2026). Da reprodução à reflexão: Masculinidades e heranças familiares adversas. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026024. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21473>
- Cardoso, H. F., Valério, N. I., Feijó, M. R., Domingues, T. L. C., Paccola, A. W., & Kanguenga, A. K. K. (2026). A violência contra crianças e a importância da atuação do psicólogo no judiciário. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026021. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21490>
- Defendi, E. L., & Souza, R. M. (2026). Medo, silêncio e resistência: Experiências de jovens gays no processo de revelação social da homossexualidade. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026022. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21469>
- Fender, M. F. (2026). Entre silêncios e violências: Revisão da literatura sobre violência conjugal no envelhecimento de pessoas idosas LGBTQIA+. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026015. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21463>
- Ferreira, L. (2026). A violência social e a violência intrafamiliar sob a perspectiva sistêmica: Uma revisão integrativa. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026013. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21460>
- Ferreira, L., & Kublikowski, I. (2026). A ressonância da violência sexual infantil intrafamiliar na vida adulta: Uma revisão integrativa. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026014. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21462>
- Miura, P. O., & Nonaka, F. T. (2026). Ações preventivas na legislação brasileira: Uma análise dos níveis de prevenção à violência contra crianças e adolescentes no âmbito familiar. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026023. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21068>
- Moraes, V., Mainardi, R., & Bruscagin, C. (2026). Cuidando do “cuida-dor”: A coterapia como recurso facilitador da autocompaixão e do autocuidado de terapeutas que atendem vítimas de violência transgeracional – um relato de experiência a partir do estudo das ressonâncias. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026019. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21468>
- Muaiela, D. S. N., & Pessoa, A. S. G. (2026). Trajetórias de mulheres com histórico de abuso sexual em Moçambique: Uma análise netnográfica. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026025. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21124>
- Nicolau, C. F. S. (2026). Violência doméstica em famílias de pessoas com transtorno do espectro autista: Uma revisão de escopo. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026016. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21209>
- Santos, J. L. (2026). Entre o trauma e o cuidado: Práticas educativas, correção e transformação relacional de famílias em contextos de vulnerabilidade social. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026018. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21483>

Vio, N. L., Feijó, M. R., Okamoto, C. B. H., Macedo, S. P., & Camargo, M. L. (2026). Práticas narrativas e *mindfulness* com casais: Enfrentamento de vulnerabilidades e prevenção de violência por parceiro íntimo. *Doxa*, 27(Spe. 1), e026017. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21305>

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

